

FORMAS LITERÁRIAS E EXPOSIÇÃO TÉCNICA EM VIRGÍLIO E PALÁDIO*

Matheus Trevizam**

Resumo: Neste artigo, após lembrarmos que a transmissão de conteúdos técnicos – filosofia, agricultura, etc. – se dava por meio de formas literárias variadas na Antiguidade, expomos os principais traços de duas tipologias literárias: a poesia didática e o tratado. Também exemplificamos essas tipologias através, respectivamente, das *Geórgicas* de Virgílio e do *Opus agriculturae* de Paládio, a fim de demonstrar como, no primeiro caso, os efeitos poéticos e o deleite são o objetivo do autor; e no outro, preferem-se uma exposição eficaz e clareza no vocabulário técnico.

Palavras-chave: Literatura técnica; poesia didática; tratado; léxico; comparação.

LITERARY FORMS AND TECHNICAL EXPLANATION IN VIRGIL AND PALLADIUS

Abstract: In this article, after reminding that the transmission of technical contents – philosophy, agriculture, etc. – occurred through varied literary forms in Antiquity, we expose the main features of two literary typologies: didactic poetry and treatise. We also exemplify these typologies through, respectively, *Virgil's Georgics* and *Palladius' Opus agriculturae*, in order to demonstrate how, in one case, poetical effects and delight are the author's objective; in the other, an effective exposition and clarity in technical vocabulary are preferred.

Keywords: technical Literature; didactic poetry; treatise; lexicon; comparison.

* Recebido em: 12/04/2022 e aprovado em 27/07/2022.

** Professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais. Membro do Neam (Núcleo de Estudos Antigos e Medievais da FALE-FAFICH-UFMG) e líder do Grupo de Pesquisa "Tradução e Estudo da Literatura Técnica e Didática Romana" (FALE-UFMG). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1744-3380>.

Introdução

No mundo greco-romano, variadas foram as tipologias textuais destinadas à comunicação de saberes, por vezes, bastante especializados. Sem pretensões de fazer-se exaustiva, Taub (2017, p. 22ss.) referiu-se à poesia – sobretudo a dita “poesia didática”, mas não só –,¹ à carta, à enciclopédia, ao comentário. Como exemplo de adoção da primeira forma expositiva (TAUB, 2017, p. 18), preenchendo-se de conteúdos agropecuários, mas também morais, a autora apresentou *Os trabalhos e os dias* hesiódicos (séc. VIII a.C.), além dos poemas filosófico-científicos de Arato de Soli (*Phaenomena*, séc. III a.C.) e de Tito Lucrécio Caro (*De rerum natura*, séc. I a.C.).

No âmbito dos escritos epistolares da Antiguidade, destinados a comunicar conteúdos especializados, podem ser referidas as cartas filosóficas de Epicuro de Samos (séc. IV-III a.C.) a seus discípulos; as do matemático Arquimedes de Siracusa (séc. III a.C.) a Eratóstenes de Cirene etc (TAUB, 2017, p. 50ss.). Um conhecido “enciclopedista”² do mundo greco-romano, em ambicioso trabalho de compilação de saberes variados e escrita, foi, sobretudo, Plínio, o Velho (séc. I d.C.), com os trinta e sete livros de sua *Historia Naturalis* (TAUB, 2017, p. 72ss.). Ainda, a tradição dos comentários, “iniciada no período helenístico e muitas vezes visando a textos literários e filosóficos” (TAUB, 2017, p. 6 – trad. nossa), poderia ser exemplificada pelos trabalhos de Alexandre de Afrodísias (séc. II-III d.C.) sobre Aristóteles³ e, acrescentamos, pela obra do *grammaticus* Mauro Sêrvio Honorato (séc. IV d.C.), importante comentador dos poemas virgilianos.

Tais tipologias textuais, indubitavelmente, carregam especificidades que não se restringem à mera troca dos recursos compositivos – como a alternância entre verso e prosa, ao se oporem de um lado a poesia didática e os epigramas, de outro as demais formas citadas –, resultando em diferentes significações dos respectivos gestos de instruir. Então, em certas cartas de Epicuro, como naquela a Pítocles, transpareceriam, segundo Taub (2017, p. 53), certa “personalização” e um pouco do relacionamento de afeto e mútua confiança entre o filósofo e esse discípulo. O mesmo tom íntimo da instrução epistolar, contudo, não seria mais esperado em tipologias similares às da enciclopédia e do comentário, pois nelas se desfaz, em favor da “objetividade”, aquele efeito de *colloquium in absentia* (“conversa entre ausentes”) que caracteriza o modo comunicativo das cartas (LADEIRA, 2020, p. 37).

Na sequência do artigo, restringindo-nos a duas obras em nexos com a comunicação de conteúdos agrários na Roma Antiga – o poema didático identificado com as *Geórgicas* de Virgílio (séc. I a.C.) e o tratado *Opus agriculturae*, de Rutilio Tauro Emiliano Paládio (séc. IV-V d.C.) –, primeiro intentamos apontar nelas os principais traços das tipologias em que foram escritas e seus efeitos sobre os gestos instrutivos gerais de cada autor. Seguidamente, dando curso às análises, procuraremos demonstrar, com base na comparação sucinta de aspectos de dois trechos textuais com conteúdos bastante parecidos (VIRGÍLIO. *Geórgicas* IV, vv. 8-32; PALÁDIO. *Opus agriculturae*. I, 37, vv. 1-5), como se concretizam esses efeitos em âmbitos localizados da instrução agrícola.

Traços de suas tipologias textuais nas *Geórgicas* e no *Opus agriculturae*

Referindo-se aos elementos caracterizadores da tipologia literária de obras como *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo, o *De rerum natura* de Lucrécio e as próprias *Geórgicas*, Toohey (1996, p. 4) aponta a presença de certos traços distintivos da poesia didática antiga.⁴ Seriam eles, a saber, 1. uma voz instrutiva única (correspondendo, como foco textual de emissão de saberes, ao *magister*/"professor" didático), que se direciona a 2. um ou mais *discipuli*/"alunos". Seu tom 3. é sério e "instrucional"; 4. *pode ser* bastante técnica e detalhada; 5. contém certo número de "painéis ilustrativos" – pausas na estrita preceituação do *magister* para narrar ou, por vezes, descrever –; 6. seu metro é, geralmente, o hexâmetro datílico da tradição homérica; 7. contém extensão mediana, nunca tão breve quanto pequenos poemas epigramáticos ou líricos nem tão extensa quanto, na épica heroica, os milhares de versos da *Iliada* e da *Odisseia*.⁵

Quando se buscam os mesmos traços nas *Geórgicas*, podemos constatar que a "grade" tipológica de Toohey em geral se encaixa nesse poema:

*O que torna alegres as searas, sob qual astro,
Mecenas, a terra mexer e unir as vinhas aos olmos
convém, quais cuidados aos bois, que tarefas há
ao ter rebanho, que habilidade nas frugais abelhas
daqui começarei a cantar. (...)*

(VIRGÍLIO. *Geórgicas* I, vv. 1-5)⁶

Já nessa *propositio* da obra, Virgílio enumera, em cada um dos quatro primeiros versos do livro I, os respectivos assuntos dos livros sucessivos de seu poema: 1. agricultura; 2. arboricultura (com destaque às vinhas); 3. pecuária; e 4. apicultura. Em primeira pessoa do singular (*incipiam* = “começarei”, v. 5), ainda, desponta a figura do *magister* didático, a qual tem, neste específico contexto, a personagem de Mecenas – endereçada sob a forma de um vocativo – como suposto *discipulus* de suas lições de agropecuária.

Quanto à natureza do “tom” dessa obra, podemos dizer que algum grau de instrução se faz presente, na medida em que os versos das *Geórgicas* são *grosso modo* preenchidos com (superficiais) preceitos sobre a sementeira,⁷ o plantio, a arada do solo, a colheita, os equipamentos de cultivo, etc. Não seria possível, contudo, sustentar a absoluta “seriedade” expositiva desse poema diante do Universo campesino focalizado, pois antes se dá, neste caso, *uariatio*/“variação” no mesmo quesito. Então, oscila-se, nas *Geórgicas*, de tons dramáticos – como na descrição dos males das Guerras Civis romanas, ao final do livro I (WILKINSON, 1997, p. 84) – a outros solenes – ver a cena do “triunfo”⁸ do poeta no proêmio do livro III (WILKINSON, 1997, p. 168) – ou paródicos, como no trecho da batalha das abelhas de IV, vv. 67-87:

Por outro lado, pode haver dois reis (sc. ‘rainhas’), e isso leva a lutas no ar (67-87). Explorando o contraste, Virgílio descreve uma batalha campal em termos humanos e militares épicos:

*ingentis animos angusto in pectore uersant,
“poderosas paixões fervilham em seus minúsculos peitos”*

O jogo do grande e do pequeno tornou-se abertamente heróico-cômico. (WILKINSON, 1997, p. 101)

Passando ao comentário do que é menos problemático, esse poema de fato contém vários “painéis ilustrativos” ao longo de sua extensão: apenas para referir alguns dos mais famosos, citamos o da “etiologia do trabalho”, no livro I (vv. 118-159); os “do elogio da Itália” (vv. 136-176) e do “elogio do campo” (vv. 490-540), no livro II; o da “peste do *Noricum*”, no livro III (vv. 474-566); aquele correspondente ao “*epyllion*” de Aristeu e Orfeu”, no livro IV (vv. 315-558). Seu metro, sem qualquer desvio da tradição didática, é o hexâmetro datílico e sua extensão, maior que os aproximados

oitocentos versos d'*Os trabalhos e os dias* de Hesíodo, não é, porém, “desmesurada” (ver nota 5).

No tocante ao quarto traço da poesia didática, nos termos de Toohey (1996, p. 4), ou seja, ser ela “bastante técnica e detalhada”, os críticos têm repetidamente enfatizado que não se trata de algo de todo verificável para as *Geórgicas* de Virgílio.¹⁰ Wilkinson (1997, p. 80), por exemplo, refere que a lista de equipamentos de cultivo – pás, enxadas, foices, podões, arados etc. –, citada no livro I, não é tão vasta nessa obra quanto ocorria nos textos dos efetivos “agrônomos” romanos, como Catão e Varrão de Reate, autor de um *De re rustica* (séc. I a.C.) que é fonte essencial para Virgílio (WILKINSON, 1997, p. 65ss.).

Vale ainda lembrar as observações de Dalzell (1996, p. 107), que nota sensível “seletividade” – com a escolha um tanto estreita de quais assuntos adentram as *Geórgicas* – e, ainda, falta de detalhamento em importantes aspectos técnicos do poema. Então, no quesito dos animais, a obra de Virgílio evita abordar as criações de porcos, burros e galinhas, em favor de outros mais tratáveis poeticamente (cavalos, bois, ovinos, abelhas...). No das plantas, entre outros exemplos, os “ensinamentos” de Virgílio sobre as oliveiras estão concentrados em meros cinco versos, como se elas nada exigissem do agricultor (TREVIZAM, 2018, p. 134-135).

Em suma, como a tipologia da poesia didática permite que os textos se manifestem em seu bojo, por vezes, como mera *figuração* de ensinamento, as *Geórgicas* – de resto, ricamente elaboradas¹¹ em todos os níveis de sua forma poética (WILKINSON, 1997, p. 69-74 e p. 183-222) –, parecem servir-se de uma epidérmica fachada agrícola sobretudo para deleitar¹² e/ou agregar a esse pano de fundo reflexões em outro(s) plano(s) significativo(s) (EFFE, 1977, p. 93; DALZELL, 1996, p. 32-33; CONTE, 1992, p. 236-237). Conte, a propósito, divisa no texto marcas ideológicas “a favor” do regime de Augusto:

O novo príncipe garante as condições de segurança e prosperidade dentro das quais o mundo camponês pode redescobrir sua continuidade vital. Por esse tipo de quadro ideológico, as Geórgicas podem ser consideradas o primeiro real documento da Literatura latina na época do principado. O primeiro proêmio é um exemplo claro: aparece – com uma clara ruptura com a tradição política romana – a figura do príncipe como soberano divinizado, desdobramento

explícito de uma tradição helenística que tanto se esforçara para estabelecer-se em Roma (CONTE, 1992, p. 236 – trad. nossa).

Algo parecido não se dá, decerto, em uma obra “tardia”¹³ com as características de *Opus agriculturae*, a qual temos chamado, por comodidade, de “tratado”. Taub (2017, p. 6) ressalta que o uso desse termo moderno, muitas vezes aplicado sem reservas a vários escritos técnico-científicos antigos, amiúde evita um olhar mais preciso para obras dotadas de traços formais distintos em cada caso. Além disso, tais obras não correspondem às descrições de tipologias textuais como as do “diálogo” (*dialogus*), “carta” (*epistula* ou *litterae*), “comentário” (*commentarii*), “manual” (*libellus* ou *epitome*), etc., apresentando estilo “mais simples” (TAUB, 2017, p. 11). A falta, então, de absoluta homogeneidade formal entre os tratados antigos e sua diferenciação de tipologias um pouco mais “assentadas” (a exemplo do diálogo) justifica que a mesma autora entenda o termo “tratado”, no presente contexto, apenas como “obra escrita”, não como um “gênero particular” (TAUB, 2017, p. 11).

No supracitado *Opus agriculturae* paladiano, temos ao todo quatorze livros em prosa: um primeiro, a conter preceitos gerais sobre os trabalhos do campo (modo de escolher a terra de plantio, de encontrar água, de fazer as edificações rústicas); aqueles, do segundo ao décimo terceiro, dedicados cada qual às tarefas cabíveis aos meses, de janeiro a dezembro; o décimo quarto, que aborda assuntos veterinários. Ao final, Paládio juntou um poema, o *Carmen de insitionibus* / “Poema dos enxertos”, composto por oitenta e cinco dísticos elegíacos,¹⁴ mas o conjunto, em geral, corresponde a um texto prosístico que tem como fonte básica o tratado *De re rustica*, de Lúcio Júnio Moderato Columela (séc. I d.C.).

Em que pese a presença discreta de certa elaboração retórica no *Opus agriculturae* – não faltando o recurso às cláusulas métricas, ao uso de figuras de elocução, à *uariatio* (MARTIN, 1976, p. XLVI-XLVII; CASAS, 1990, p. 12-13) –, o estilo paladiano é correto mas simples, antes adaptado à imediata comunicabilidade de saberes agrários do que a quaisquer desvios do mesmo propósito. Semelhante objetivo de fazer-se entender sem rodeios é explicitado pelo autor mesmo, no brevíssimo proêmio do livro inicial desta sua obra:

A prudência começa pela avaliação da própria pessoa a quem se há de preceituar. Não deve, com efeito, o mestre de um agricultor

emular os rétores nas artes e na eloquência, como fez a maioria: falando eloquentemente a rústicos, não conseguiram que seu método sequer pelos mais eloquentes pudesse ser entendido. Mas deixemos de alongar o prefácio, para não imitarmos os que repreendemos.
(PALÁDIO. *Opus agriculturae*. I, 1, 1).¹⁵

Quanto às palavras transcritas de Paládio, Cartelle (2007, p. 798) entende que contém crítica direta ao estilo de Columela, autor inclinado a desenvolver complexamente seus períodos (sobretudo nos proêmios do *De re rustica*), apesar de muito informativo.¹⁶ Relativamente concisas, então, e sem grandes artificios¹⁷, são as frases paladianas do trecho, conciso é o proêmio no conjunto, em contraste com a usual copiosidade e o maior virtuosismo expressivo de seu antecessor (ARMENDÁRIZ, 1995, p. 32); não há grandes hipérbatos na passagem – com a tendência a manter sujeitos em início frasal e os verbos e objetos depois –, tampouco longos “parênteses” explicativos em meio ao fluxo geral da comunicação. Tais características de simplicidade, sobretudo presentes no *Opus agriculturae*, acabaram selando seu destino como a obra agrônômica latina de mais difundido uso e conhecimento ao longo da Idade Média cristã (CASAS, 1990, p. 38 e 47).

Fögen (2009, p. 10 – trad. nossa) também julga que verdadeiros textos de caráter técnico *grosso modo* “não se preocupam com a forma ou com o apelo ao leitor, mas principalmente com o conteúdo”. Esse é um juízo relativo quando aplicado aos tratadistas romanos de agricultura: com efeito, apesar de geralmente serem mais informativos que as refinadas *Geórgicas*, autores como Columela e o próprio Paládio também trabalham (mais ou menos) a forma de seus textos. De todo modo, na maior parte do *Opus agriculturae*, prevalece o gesto instrutivo imediato, auxiliado, além da limpidez do fraseado de seu ator, pela usual clareza vocabular,¹⁸ pela racional disposição dos conteúdos ao longo do calendário constituído pelo segmento dos livros dois a treze¹⁹ e pela recorrência a um vocabulário rico, como de praxe na literatura técnica de vários tempos e lugares.²⁰

Tais traços da linguagem técnica, que se presentificam na tipologia de um tratado como o paladiano, atestam a majoritária destinação desse texto ao fim, retoricamente, do *docere*/“ensinar”. Já na preceituação antiga se harmonizava um estilo elocucional *humilis*/“tênuê” a essa meta específica do orador (CÍCERO. *Orator* 101 *apud* FÖGEN, 2009, p. 31).

Comparação de trechos textuais de Virgílio (*Geórgicas* IV, vv. 8-32) e Paládio (*Opus agriculturae*. I, 37, 1-5): a localização da colmeia

Nas *Geórgicas*, o tema das abelhas preenche 314 versos do livro IV do poema, sendo que, na sequência imediata (vv. 315-558), encontramos o *epýllion* de Aristeu e Orfeu, ali introduzido para explicar etiologicamente uma técnica regenerativa de enxames identificada com a *bugonia*.²¹ Em Virgílio, parte considerável desses 314 versos não se destina a fins tão práticos de instrução agrônômica: então, entre v. 116 e v. 148, temos o painel ilustrativo do Velho corício, exemplo de frugalidade e felicidade por meio do trabalho de lavar um horto. Em vv. 149-227, há um trecho chamado, por Mynors (VIRGIL, 2003, p. 278), de parte sobre a “história natural” da colmeia, com a apresentação da divisão dos trabalhos entre as abelhas, de sua organização política – sob a forma de uma “monarquia” –,²² da própria inteligência coletiva desses animais. Apenas a partir de v. 228, o poeta retorna a temas de interesse estritamente prático para o apicultor, abordando a extração (ou não) do mel, as doenças das abelhas etc.

Por sua vez, no *Opus agriculturae* paladiano, vemos significativa dispersão do tema da apicultura ao longo da grande seção do tratado constituída pelo livro introdutório e pelo calendário (livros dois a treze). Além do trecho que comentaremos a seguir (livro I, 37, 1-5), ela se encontra em I, 37, 6-8; em IV, 15, 1-4; em V, 7, 1-7; em VII, 7, 1-9; em IX, 7; em XI, 13; em XII, 8, 1-2. Mesmo o exame sucinto dos tópicos abordados por Paládio nessas respectivas passagens – localização da colmeia, material de feitura dessa morada, doenças das abelhas, captura dos enxames selvagens na natureza etc. – revela-nos que são pontos em próximo nexos com a praticidade da lida diária de um apicultor.

No caso de Virgílio, podemos dizer que o poeta inicia a passagem correspondente ao livro IV, 8-32 primeiro elencando, entre vv. 8-17, os aspectos cuja proximidade há de ser evitada pelo tratador de abelhas, escolhendo-se um local para assentar suas colmeias:

*Primeiro, a morada e estância das abelhas há que buscar,
aonde nem haja entrada de ventos – pois os ventos de levar
o alimento para casa as impedem –, nem ovelhas e bodes
provocantes machuquem as flores ou novilha errante*

*no campo derrube o orvalho e pise na relva que nasce.
Afastem-se também lagartos pintados, com dorso rugoso,
dos ricos cortiços; e ainda os abelharucos e outras aves,
a andorinha marcada no peito por mãos sangrentas;
na verdade, muito estragam tudo e as abelhas mesmas
levam na boca, doce alimento para ninhos cruéis.*
(VIRGÍLIO. *Geórgicas* IV, vv. 8-17).²³

Quando inicia a menção ao que, contrariamente, deve ser buscado ao situar a colmeia, Virgílio cita “fontes límpidas” (*liquidi fontes*, v. 18); “tanques verdejantes com o musgo” (*stagna uirentia musco*, v. 18); “rioziños a escapar em meio à grama” (*tenuis figiens per graminha riuos*, v. 19); “palmeira ou enorme zambujeiro a sombrear o vestibulo” [= “entrada da colmeia”] (*palmaque uestibulum aut ingens oleaster inumbret*, v. 20). Dessa forma, segundo explica o poeta em vv. 21-24, quando os “reis” conduzirem seus enxames na primavera e a “juventude saída dos favos brincar” (*ludetque fauis emissa iuuentus*, v. 22), a margem vizinha os convidará a afastar-se do calor e uma árvore exposta irá retê-los sob as “folhosas *hospedagens*” (*hospitiis... frondentibus*, v. 24).

Em meio a esse ambiente, que poderíamos descrever com colorações do *locus amoenus* da literatura clássica,²⁴ estarão na água (em repouso ou corrente) salgueiros atravessados ou grandes pedras (v. 26), “para que [as abelhas] possam parar sobre *pontes* bastas e as asas/ estender ao sol estival” (*pontibus ut crebris possint consistere et alas/ pandere ad aestiuom solem*, vv. 27-28). Assim, caso “Euro atirado” (*praeceps... Eurus*, v. 29) as mergulhe “em *Netuno*” (*Neptuno*, v. 29 – com o sentido de “na água”), não ficarão molhadas por muito tempo. Por fim, no entorno do local, é preciso haver tipos florais adaptados à extração do néctar pelos insetos: “lauréolas verdejantes” (*casia uirides*, v. 30); “serpões que espalham longe o cheiro” (*olentia late/ serpylla*, vv. 30-31); “abundância de *thymbra*²⁵ com forte odor” (*grauiter spirantis copia thymbrae*, v. 31); “plantações de violetas” (*uiolaria*, v. 32).

A passagem paladiana correspondente inverte a ordem dos tópicos em Virgílio, pois primeiro esse agrônomo, ao longo de I, 37, 1-2, menciona sobretudo o que deve existir no local de fixação da colmeia: a proximidade da casa do senhor fundiário, a exposição²⁶ ao sol, o acesso a flores melíferas obtidas por meio de culturas herbais²⁷, arbustivas²⁷ ou arbóreas.²⁸ Em I, 37, 3, Paládio oferece preceitos variados no tocante à apicultura, como ao

indicar quais ervas produzem méis melhores ou piores, em escala; ao dizer onde, exatamente, serão plantados os arbustos, ramagens e ervas, internamente ao apiário; ao recomendar a existência, ali, de uma

fonte ou rio calmo para formar lagoas rasas atravessando; cubram-nas moitas de varas espaçadas e atravessadas, para darem lugar seguro às abelhas quando tiverem sede.

(PALÁDIO. *Opus agriculturae*. I, 37, 3).²⁹

Adentrando o tópico anteposto por Virgílio em *Geórgicas* IV, ou seja, os pontos a serem evitados, Paládio lista primeiro “todas as coisas de cheiro terrível” (*omnia odoris horrendi*), tais como os “banhos”, “estábulos”, “cozinhas” e “canos de despejo”; depois, “os animais que são hostis às abelhas” (*animalia, quae sunt apibus inimica*): “lagartos”, “traças” e os semelhantes a esses. Depois de dar mais alguns preceitos a fim de estabelecer-se a colmeia adequadamente,³⁰ Paládio enfim conclui este tópico de seu tratado retomando em outros termos as proibições que estabelecera há pouco:

Evite-se o odor do estrume, o caranguejo queimado e o local que ecoar a voz humana com falsa imitação. Afastem-se também estas ervas: a maleiteira, o heléboro, a canafrecha, o absinto, o pepino silvestre e tudo de amargo, inimigo da obtenção de doçura.

(PALÁDIO. *Opus agriculturae*. I, 37, 5).³¹

Lembrando com De Meo (1986, p. 36) que a riqueza e a precisão do léxico constituem, talvez, a marca mais característica das linguagens técnicas tal qual se manifestam tipicamente na tipologia dos tratados e que tais linguagens prezam, antes de tudo, pelo intuito de informar com precisão (FÖGEN, 2009, p. 10), apontaremos para o fator vocabular nos excertos tomados de Virgílio e Paládio. Assim, Virgílio menciona apenas quatro espécies de plantas melíferas em vv. 30-32; o tratadista que focalizamos, em contrapartida, cita nominalmente doze tipos de plantas melíferas herbais, cinco de plantas arbustivas e onze de plantas arbóreas, também referindo os *taxi* / “teixos” e mais cinco itens para serem evitados, no mesmo âmbito vegetal.

Quando cita os itens não botânicos a serem evitados, ainda, Paládio fala não apenas dos ventos e de certos animais nocivos às abelhas, mas também dos banhos, dos estábulos, do mau-cheiro do estrume etc. Embora, então, os animais que se evocam no trecho paladiano sejam menos numerosos

que aqueles de Virgílio, em *Geórgicas* IV, vv. 8-17 – seis itens *versus* dois –, Paládio pode ser considerado mais detalhado por explicitar que outros fatores, além dos bichos, se opõem ao assentamento seguro da colmeia. Ele ademais, como fizera ao classificar e dividir as plantas propiciadoras de néctar conforme suas origens, classifica e divide com método os “inimigos da colmeia”, basicamente, entre certas fontes de odor abjeto, certos animais e certas plantas como a maleiteira, o heléboro etc., pela possibilidade de ser importado seu amargor ao mel.

Por outro lado, ao olharmos para termos virgilianos como *uestibulum*/“vestíbulo” (v. 20), *hospitiis*/“hospedagens” (v. 24), *pontibus*/“pontes” (v. 27) e *Neptuno*/“Netuno” (v. 29), nota-se ter esse autor se expressado, ao utilizá-los, antes servindo-se de vocábulos com matiz poético do que absolutamente precisos. As três primeiras palavras que referimos, então, poderiam aplicar-se também, ou mais propriamente, a realidades do Universo humano, enquanto *Neptuno* é metonímia para o elemento regido pelo deus, a própria água (SERIGNOLLI, 2018, p. 99). Em contrapartida, Paládio evita semelhantes “desvios” vocabulares e figurações em I, 37, 1-5, servindo-se com clareza (ver nota 18) de termos denotativos. Nesse sentido as “pontes” de Virgílio são repostas no *Opus agriculturae*, em diretas palavras, por simples “moitas de varas espaçadas e atravessadas”.³²

Conclusão

Considerando as tipologias literárias da poesia didática e do tratado, os críticos observam que diferentes parâmetros – formais, de menor ou maior veiculação de efetivas informações, de fruição pelo público – organizam estruturalmente as obras nelas inseridas. Com vivacidade, assim, os poemas didáticos mobilizam recursos para imitar textualmente uma situação instrutiva de “aula”, mas nem sempre há pleno rigor e detalhamento expositivo nessa figuração, produzindo-se como efeito antes a função retórica do *delectare*/“deleitar” do que a do *docere*/“ensinar”.³³

O contrário se espera, vimos – inclusive pela comparação entre o léxico poético das *Geórgicas* e a clareza vocabular do *Opus agriculturae* –, nos tratados, por concentrarem eles sua elaboração e detalhamento no âmbito do rigor conteudístico. Sem desejarmos traçar artificialmente barreiras intransponíveis entre tais tipologias, já que algum saber (agrário, literário, político, filosófico-moral, religioso...) está contido nas *Geórgicas* e/ou em

outros poemas didáticos e Paládio, por exemplo, não é de todo refratário aos requintes da forma (CASAS, 1990, p. 12-13), o exame de pormenores dessas obras parece confirmar as impressões gerais dos críticos.

Documentação escrita

MARCO FÁBIO QUINTILIANO. *Instituição oratória*: livros 7-9. Trad. Bruno Fregni Bassetto. Campinas: Unicamp, 2016. t. III.

PALLADII RUTILII TAURI AEMILI. *Opus agriculturae*. Ex recensione J. C. Schmittii. Lipsiae: G. B. Teubner, 1898.

SENECA. *Epistles*, 66-92. Trad. Richard M. Gummere. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1920. v. II.

VIRGIL. *Georgics*. Trad. R. A. B. Mynors. Oxford: O.U.P., 2003.

Referências Bibliográficas

ANDRÉ, Jacques. *Les noms des plantes dans la Rome Antique*. Paris: Les Belles Lettres, 2010.

ARMENDÁRIZ, José-Ignacio. *Agronomía y tradición clásica*: Columela en España. Sevilla: Universidad de Sevilla/Universidad de Cádiz, 1995.

CARTELLE, Enrique. Prosa técnica no gramatical. In: CODOÑER, Carmen. (org.). *Historia de la literatura latina*. Madrid: Cátedra, 2007, p. 795-810.

CASAS, Ana. Introdução. In: PALADIO. *Tratado de agricultura*; Medicina veterinária; Poema de los injertos. Trad., introducción y notas de Ana Moure Casas. Madrid: Gredos, 1990, p. 7-71.

CONTE, Gian. *Letteratura latina*: manuale storico dalle origini alla fine dell'impero romano. Firenze: Le Monnier, 1992.

DALZELL, Alexander. *The criticism of didactic poetry*: Essays on Lucretius, Virgil and Ovid. Toronto/Buffalo/London: University of Toronto Press, 1996.

DE MEO, Cesidio. *Lingue tecniche del latino*. Bologna: Pàtron, 1986.

EFFE, Bernd. *Dichtung und Lehre*: Untersuchungen zur Typologie des antiken Lehrgedichts. München: Beck, 1977.

FÖGEN, Thorsten. *Wissen, Kommunikation und Selbstdarstellung*: zur Struktur und Charakteristik römischer Fachtexte der Frühen Kaiserzeit. München: C. H. Beck, 2009.

GALE, Monica. *Myth and poetry in Lucretius*. Cambridge: University Press, 1994.

- GRIMAL, Pierre. *La littérature latine*. Paris: Fayard, 1994.
- HARDIE, Philip. *Virgil's Aeneid: Cosmos and Imperium*. Oxford: Clarendon Press, 2001.
- HOWATSON, M. (org.). *Dictionnaire de l'Antiquité: mythologie, littérature, civilisation*. Trad. Jeannie Carlier et alii. Paris: Robert Laffont, 1993.
- LADEIRA, Felipe. *A correspondência de Cícero durante a Guerra civil: a crise política romana sob a ótica pública e privada*. 2020. 333 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, FALE-UFMG, Belo Horizonte, 2020.
- MARTIN, René. Introduction. In: PALLADIUS. *Traité d'agriculture*, livres I-II. Texte établi, traduit et commenté par R. Martin. Paris: Les Belles Lettres, 1976, p. XXXVI-XXXVIII.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- SERIGNOLLI, Lya. A metonímia segundo os gramáticos e rétores latinos. *Classica*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 89-110, 2018.
- SIRAGO, Vito A. *Storia agraria romana: I fase ascensionale*. Napoli: Liguori Editore, 1995.
- TAUB, Liba. *Science writing in Greco-Roman Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- TOOHEY, Peter. *Epic Lessons: an introduction to the ancient didactic poetry*. London/New York: Routledge, 1996.
- TREVIZAM, Matheus. Figurações poéticas da vida rural nas *Geórgicas*. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 125-153, 2018.
- TRIUMPH. Ancient Roman Honor (verbete de dicionário). *Britannica*. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/triumph-ancient-Roman-honour>. Acesso em: 18 jul. 2022.
- WILKINSON, Lancelot. *The Georgics of Virgil: a critical survey*. New edition, foreword and bibliography by Niall Rudd. Norman: University of Oklahoma Press, 1997.

¹ “Exemplos importantes de epigramas matemáticos incluem o chamado *Problema do Gado* (*problema bovinum*) atribuído a Arquimedes, e os numerosos poemas com problemas matemáticos incluídos no Livro 14 da *Antologia Grega* (*Anthologia Graeca*), uma coleção de epigramas que vão do período clássico ao bizantino” (TAUB, 2017, p. 24 – trad. nossa).

² Plínio, o Velho (23-79 d.C.), é conhecido sobretudo por sua obra *Naturalis Historia*, na qual procurou pôr sob foco os conhecimentos humanos, em “todos os seus domínios” (GRIMAL, 1994, p. 423). Entre eles, incluem-se a cosmografia, a geografia, a etnografia, a zoologia, a botânica, em vários âmbitos (plantas hortenses, agrícolas, florais), a farmacologia, o estudo dos metais, da pintura, das gemas preciosas. Nesse sentido, fala-se em sua contribuição, muitas vezes, como a de um “enciclopedista”.

³ “Alexandre de Afrodísias escreveu comentários sobre vários textos do *corpus* aristotélico; seu comentário sobre a *Física* está perdido, mas os da *Meteorologia* e da *Metafísica* sobrevivem” (TAUB, 2017, p. 93 – trad. nossa).

⁴ Com outros (GALE, 1994, p. 104), Toohey não entende que a poesia didática corresponda a um gênero literário à parte, mas sim a uma espécie ou subtipo do grande gênero épico, ao qual se liga já pelo uso métrico comum. Por isso, evitamos neste artigo falar em “gênero” a propósito da mesma tipologia.

⁵ O número de versos de *Os trabalhos e os dias* é oitocentos e vinte e oito, mas, desde as inovações de Lucrecio para a história compositiva da poesia didática, os textos dessa tipologia passaram a contar com vários livros e milhares de versos. O *De rerum natura* contém seis livros, todos com mais de mil versos cada; as *Geórgicas* contêm quatro livros, com o total de dois mil cento e oitenta e oito versos.

⁶ *Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram/ uertere, Maecenas, ulmisque adiungere uitis/ conueniat, quae cura boum, qui cultus habendo/ sit pecori, apibus quanta experientia parcis./ hinc canere incipiam* (VIRGÍLIO. *Geórgicas* I, vv. 1-5 – trad. nossa, grifo nosso).

⁷ “Como fazer um arado leva a como fazer uma eira (Virgílio pede desculpas primeiro por partilhar *ueterum praecepta* sobre tarefas humildes. Mas essas, lembramos, são testemunho da inteligência inventiva do homem, afinada segundo os planos de Júpiter)” (WILKINSON, 1997, p. 80 – trad. Nossa).

⁸ No contexto, Virgílio exulta por ter trazido formas poéticas a Mântua, sua terra de origem, e mostra-se a receber a palma da vitória, visível em veste de púrpura, tocando bigas às margens de um rio etc. Essa imagem não deixa de evocar a

cerimônia triunfal, na qual os generais vencedores desfilavam publicamente por Roma, em cortejo seguido por animais a serem sacrificados, pelos cativos de guerra e pelos despojos obtidos em campanha etc. Veja-se verbete “*triumph*” (*Referências bibliográficas*).

⁹ Entende-se por este termo uma breve narrativa mítica em versos hexâmetros, geralmente sobre as aventuras amorosas de um herói ou heroína, acrescida de *ékphrasis* (“descrição”) e outros elementos convencionais (HOWATSON, 1993, p. 378).

¹⁰ Ou para alguns outros poemas didáticos, a exemplo dos chamados *Theriaca* de Nicandro de Cólofon, nos quais a preocupação formal excessiva leva a segregar o rigor expositivo a segundo plano (TOOHEY, 1996, p. 66).

¹¹ “No entanto, o poema nunca teve falta de admiradores. Dryden chamou-o de ‘o melhor poema do melhor poeta’ e Montaigne o considerou ‘le plus accompli ouvrage de la poésie’” (DALZELL, 1996, p. 105 – trad. nossa).

¹² *Vt ait Vergilius noster, qui non quid uerissime sed quid decentissime diceretur aspexit, nec agricolas docere uoluit sed legentes delectare.* – “Como diz nosso Virgílio, que não olhou o que dissesse do modo mais verdadeiro, mas do mais belo, nem quis ensinar a agricultores, mas deleitar seus leitores” (SÊNECA. *Epistulae*, 86, 15 – trad. nossa).

¹³ É mais ou menos difícil situar com precisão a data de escrita de *Opus agriculturae*, mas seu autor, Paládio, seria alguém posto nos altos escalões da sociedade romana – já que se diz *uir inlustris* (“varão notável”) nos manuscritos da obra, sendo essa denominação reservada, a partir do séc. IV d.C., para os homens ligados ao Senado. Opina Casas (1990, p. 9 – trad. nossa) que “a obra se dirigiu a um público de novos proprietários agrícolas, à época, do s. IV em à frente, na qual ocorre o retorno dos proprietários para suas terras”. Semelhante destinação do texto ao uso de indivíduos desejosos de informar-se para, de fato, agir produtivamente nos campos de fins da Antiguidade poderia ter condicionado a “secura” da forma e expressão deste tratado. Sirago (1995, p. 174), por sua vez, nota que a falta de referência à mão-de-obra – por exemplo, escrava – no tratado paladiano levou a crer em que o autor se endereçava de fato a trabalhadores livres com seus preceitos, como se tivesse havido, em fins da Antiguidade, “substituição” do sistema escravista pelo colonato em várias áreas do Império.

¹⁴ Entre os traços acima arrolados para a poesia didática (TOOHEY, 1996, p. 4), faltam ao *Carmen* paladiano maior assertividade no direcionamento ao *discipulus*, que, no caso, é seu amigo Pasifilo, e o emprego de painéis ilustrativos (algo de ocorrência mais difícil em um livro tão breve).

¹⁵ *Pars est prima prudentiae ipsam, cui praecepturus es, aestimare personam. Neque enim formator agricolae debet artibus et eloquentia rhetores aemulari, quod*

a plerisque factum est: qui dum diserte loquuntur rusticis, adsecuti sunt, ut eorum doctrina nec a disertissimis possit intelligi. Sed nos recidamus praefationis moram, ne, quos reprehendimus, imitemur (PALÁDIO. *Opus agriculturae*. I, 1, 1 – trad. nossa, grifo nosso).

¹⁶ Paládio, na verdade, resume o volumoso trabalho de Columela, com a redução da extensão do predecessor a mais ou menos um terço do total (CASAS, 1990, p. 16).

¹⁷ Martin (1976, p. XLVI), contudo, demonstra o emprego de cláusulas métricas nas expressões grifadas da nota 16 (respectivamente, com os pés crético-trocaico; crético-dicoreu; espondeu-crético; dicrético). Em *reprehendimus imitemur*, ocorre final de frase hexamétrico, algo não raro em Paládio.

¹⁸ Trata-se da qualidade retórica da *perspicuitas*, como a define Quintiliano em *Institutio oratoria* VIII, 2, 1-11. Caracteriza-se ali, conforme sumariza Fögen (2009, p. 29), pelo uso escasso de palavras com significado figurado e pela moderação no emprego de vocábulos “estranhos ao uso convencional da linguagem” (tais como os estrangeirismos, neologismos e regionalismos).

¹⁹ Ver Fögen (2009, p. 27): “A disposição cuidadosa do material a ser tratado é reiteradamente enfatizada como característica essencial dos textos técnicos, tendo exigido algum esforço do autor” (trad. nossa). Ora, no fim do próêmio de *Opus agriculturae*, ao dizer que tratará dos assuntos *suis... temporibus... distinctis* “dividindo-os em seu tempo”, Paládio toca nesse *tópos* técnico, dando a entender que as sucessivas tarefas serão abordadas com critério, nos livros correspondentes aos próprios meses em que se devem realizar.

²⁰ “A variedade de enxadas e ancinhos é significativa, muitas já presentes em Catão: *ferrea (h)irpex* (ver p. 33), *ligo, pala, bipalium* (que com Paládio será substituído por *vanga* de origem germânica e destinado a prevalecer nas línguas românicas), *raster* (daí *rastellus*), *rutrum, sarculum*; e depois novamente *bidens, marra, pastinum* etc.” (DE MEO, 1986, p. 56-57 – trad. nossa). Vários desses termos são empregados por Paládio, como, além de *vanga, ligo, rastellus, rutrum, sarculum* etc.

²¹ Explica Mynors (VIRGIL, 2003, p. 293-294) que se trata de uma espécie de técnica ritualizada para a suposta obtenção de germes de abelhas a partir da carcaça em putrefação de um novilho sacrificado. A *bugonia*, como descrita por Virgílio, teria tido origens no Egito.

²² Muito há de antropomorfizante na apresentação das abelhas em *Geórgicas* IV: elas, assim, são chamadas de *Quirites* (“cidadãs”, v. 201), possuem qualidades como *labor* (“esforço concentrado”), *fortitudo* (“fibra”), *concordia* (“harmonia”) etc. Mas também possuem atributos questionáveis do ponto de vista romano, pois manifestam diante de seus “reis” devoção maior do que aquela dos egípcios aos faraós, dos lídios e outros povos orientais a seus monarcas (vv. 210-212). Não se

deve esquecer, sobre esse último traço, de que os anos conclusivos das *Geórgicas* coincidem com o enfrentamento final entre Marco Antônio (derrotado na Batalha de Actium, em 31 a.C.) e Otaviano, depois chamado Augusto. Além disso, esse último, ou o próprio Virgílio de *Eneida* VIII (descrevendo a batalha de Actium, cinzelada sobre o escudo de Eneias), parecem ter ajustado os fatos a fim de dar a entender que tal fase da Guerra Civil romana não era um enfrentamento entre iguais, mas antes uma luta entre o “apolíneo” Ocidente de Augusto e a “barbárie” egípcia de Marco Antônio e Cleópatra (HARDIE, 2001, p. 98). Nesse sentido, tudo o que evoca o Egito – como parte da caracterização da colmeia – e sua cultura deveria ser visto com reservas no poema.

²³ *Principio sedes apibus statioque petenda,/ quo neque sit uentis aditus (nam pabula uenti/ferre domum prohibent) neque oues haedique petulci/floribus insultent aut errans bucula campo/decutiat rorem et surgentes atterat herbas./ Absint et picti squalentia terga lacerti/ pinguibus a stabulis meropesque aliaeque uolucres/ et manibus Procne pectus signata cruentis;/ omnia nam late uastant ipsasque uolantis/ ore ferunt dulcem nidis immitibus escam* (VIRGÍLIO. *Geórgicas* IV, vv. 8-17 – trad. nossa).

²⁴ “Por exemplo, o *locus amoenus*, lugar aprazível, ‘uma bela e ensombrada nesga da Natureza’, composta no mínimo de ‘uma árvore (ou várias), uma campina e uma fonte ou regato’” (MOISÉS, 2004, p. 448).

²⁵ O dicionário de nomes de plantas de André (2010, p. 260) identifica esta planta como a espécie *Satureia thymbra*, dando por equivalente o francês “sarriette” (= segurelha). Mantivemos a expressão em latim para diferenciar esse item vocabular de *satureia* (*Satureia hortensis* ou *Saturei capitata*) em Paládio, que já traduzíramos em português como “segurelha”.

²⁶ ... *origanum, thymum, serpillum, satureiam, melisfyllum, uiolae agrestes, asfodilum, citreaginem, amaracum, hyacinthum, qui iris uel gladiolus dicitur similitudine foliorum, narcissum, crocum ceterasque herbas suauissimi odoris et floris.* – “... o orégano, o tomilho, o serpão, a segurelha, a erva-cidreira, as violetas silvestres, o asfódelo, a melissa, a manjerona, o jacinto que se diz “íris” ou “gladiolo” pela semelhança das folhas, o narciso, o açafão e as demais ervas de odor e flor mais suaves” (PALÁDIO. *Opus agriculturae*. I, 37, 2 – trad. nossa).

²⁷ ... *rosae, lilia, uiolae flauae, rosmarinus, ederae* – “... rosas, lírios, violetas amarelas, alecrim e heras” (PALÁDIO. *Opus agriculturae*. I, 37, 2 – trad. nossa).

²⁸ ... *zizyfus, amygdalus, persicus, pirus pomiferaeque arbores, quibus nulla amartudo respondet flore desucto: siluestria uero glandifera robora, terebinthus, lentiscus, cedrus, tilia, ilex minor et linus. Sed taxi remoueanur inimicae.* – “... a açofofeira, a amendoeira, o pessegueiro, a pereira e as árvores frutíferas, aos quais nenhum amargor resulta se a flor for sugada. Quanto às silvestres, na verdade, os

carvalhos produtores de bolotas, o terebinto, o lentisco, o cedro, a tília, a azinheira menor e o folhado. Mas que se removam os teixos hostis” (PALÁDIO. *Opus agriculturae*. I, 37, 2 – trad. nossa).

²⁹ *Fons uel riuus huc conueniat otiosus, qui humiles transeundo formet lacunas, quas operiant rara et transuersa uirgulta sedes tutas apibus praebitura, cum sitiient* (PALÁDIO. *Opus agriculturae*. I, 37, 3 – trad. nossa).

³⁰ *Aues etiam pannis et crepitaculis terreamus. Purus custos frequens et castus accedat habens noua aluearia praeparata, quibus excipiatur exanimus rudis iuuentus.* – “Também espantemos as aves com trapos e guizos. Que um guardião limpo, assíduo e casto se aproxime tendo preparados novos cortiços, nos quais a juventude inexperiente dos enxames seja recebida” (PALÁDIO. *Opus agriculturae*. I, 37, 4 – trad. nossa).

³¹ *Vitetur odor coeni et cancer exustus et locus, qui ad humanam uocem falsa imitatione respondet. Absint et herbae tithymallus, elleorum, thapsia, absinthium, cucumis agrestis et omnis amaritudo conficiendae aduersa dulcedini* (PALÁDIO. *Opus agriculturae*. I, 37, 5 – trad. nossa).

³² *... rara et transuersa uirgulta* (PALÁDIO. *Opus agriculturae*. I, 37, 3 – trad. nossa).

³³ No tocante ao fundo “instrutivo”, especificamente, de um poema como as *Geórgicas*, com suas eventuais camadas de sentido distintas da superficial parte agrícola, grassa grande disparidade interpretativa e não parece haver pleno consenso dos críticos sobre seu teor. É o que lembra Dalzell (1996, p. 32-33): “Os leitores de Virgílio seriam capazes de concordar quanto ao ‘tema real’ das *Geórgicas*?” (trad. nossa).